



COMPANHIA DE HABITAÇÃO POPULAR DE CAMPINAS

PROGRAMA SÓCIO CULTURAL – PSC SÉTIMO CONCURSO LITERÁRIO

TEMA: Essa casa tem história

Sete de setembro data tão festiva... Marco da independência do país e da chegada da minha família à Cidade das Andorinhas. Trabalhadores da lavoura que vindos de um vilarejo do interior de São Paulo, traziam junto com os poucos pertences muitos sonhos, expectativas e muita vontade de mudar de vida.

Minha família sempre trabalhou na roça, nas terras pertencentes a outras pessoas, de “meia”. Como lavrador meeiro, meu pai e meus irmãos, principalmente os mais velhos, cuidavam de todo trabalho de plantio e colheita e a metade do que conseguíamos tirar da terra era entregue ao proprietário. Com a outra metade, pagávamos as contas e, se sobrasse alguma coisa, era da gente.

Com muitos encantos e tradições, a vida na roça é maravilhosa, tem uma qualidade de vida inigualável, mas a vida de lavradores rurais requer muito esforço e trabalho árduo, sem contar que a esperança para o futuro melhor é muito escassa. Na roça trabalha-se sempre: de sol a sol, no calor e no frio, na estiagem e embaixo de chuva, de semana, sábado, domingo e feriado.

“As crianças tão crescendo, os meninos e as meninas já tão ficando mocinhos, é melhor a gente ir embora para um lugar que dê mais oportunidades a eles”. Sob o manto dessa conversa e depois de muito *prosear* e especular a respeito com os parentes e os “patrões”, meus pais resolveram tentar a sorte na cidade grande.

Nona filha de uma numerosa família, eu tinha sete anos quando cheguei a Campinas e como qualquer migrante, enfrentamos desde o primeiro momento, uma série de problemas dramáticos de adaptação e entre eles encontrar um abrigo, uma moradia que fosse digna e realmente nossa. Morando de aluguel na Vila Castelo Branco, aos poucos fomos se ajeitando, trabalho para os mais velhos, escola para os mais novos, mais a casa própria ainda era o sonho de todos nós.

- Compadre Libério, tenta uma inscrição da COHAB, quem sabe lá o senhor não consegue uma *casinha*, aconselhou meu tio que já era proprietário do seu imóvel. Mas o perfil de nossa família não cabia nos critérios exigidos para inscrição da sonhada casa, por isso não foi possível nem a efetivação da inscrição. Graças a Deus e a firme determinação de meu pai, depois de muito economizar conseguimos comprar um terreno e lá, em sistema de mutirão, construímos a casa da nossa família. A primeira ação do meu pai foi plantar um pé de café no nosso quintal, que inacreditavelmente cresceu tanto que atingiu a altura da casa. “Nunca devemos esquecer nossas origens”, dizia ele.

A nossa casa, sempre muito barulhenta e festiva, era deliciosa. Tinha a mansidão da minha mãe o jeitão do meu pai. Era o *point* dos familiares, ali nos reuníamos nas festas tradicionais, nas inventadas, com ou sem motivo para se reunir. Ali histórias foram contadas, laços fortalecidos, ânimos exaltados e abrandados, projetos realizados, tristezas consoladas, mas principalmente, amizades eternizadas.

O quintal da minha casa, à sombra do pé de café, foi palco de eventos espetaculares, de natais incríveis, de muitas viradas de ano, de festas de casamento, de aniversários, batizados, de muita alegria e muita farra e também da dor mais doída: a despedida do meu querido pai.

Hoje, a casa do Jardim Santa Amália, não pertence mais a minha família, mas a lembrança daquele lugar incrivelmente mágico e hospitaleiro está registrada nos álbuns de fotografias e nas histórias saudosas de cada um de nós.

Muito tempo passou desde a sábia decisão dos meus pais vir para a cidade grande em busca de melhores condições, e nas voltas que a vida dá, hoje faço parte da equipe da COHAB/CAMPINAS e com meu trabalho também sou responsável pela realização de suprir uma das maiores necessidades essenciais do ser humano: ter um espaço onde morar.

A COHAB/CAMPINAS está completando meio século de sua criação e embora a nossa Constituição reconheça que todos tenham direito a um lugar adequado para viver, sabemos que na prática são muitos os obstáculos para a efetivação deste plano. Mesmo porque, o direito à moradia vai além de um teto e quatro paredes, na verdade está no direito de se ter um lar seguro para viver em paz, com dignidade e integridade física. .

É bem verdade que a falta de uma política habitacional comprometida arrasa o sonho de muitos, mas por outro lado levando em conta a minha experiência de vida, a aquisição da casa própria não pode ficar somente no patamar dos sonhos ou a mercê da boa vontade governamental. É preciso planejar, educar-se financeiramente e se entregar de corpo e alma a esse compromisso.

Se pudesse aconselhar àqueles que estão na batalha por um teto, diria que, devemos sim, aproveitar as oportunidades oferecidas pelo governo, mas não devemos perder de vista a parte que nos cabe, ainda que seja a cobrança por uma política habitacional mais digna e justa. Assim como qualquer outro, a realização do sonho da casa própria depende de muita dedicação.

Quando me lembro de todo sacrifício ao lado de meus pais para a realização do nosso sonho, e na repercussão que todo esse comprometimento causou na minha vida e na dos meus irmãos, sou infinitamente grata a eles por todos os puxões de orelha que levei, não fosse assim, nenhum de nós hoje teríamos residência fixa.